

A Moralidade da Possessão e do Uso de Armas Nucleares

Helio Daniel Cordeiro

Nas palavras de Barth: "Teologia representa um dos empreendimentos humanos costumeiramente qualificados de 'científicos', que têm por finalidade perceber um objeto (respectivamente uma área definida) como fenômeno, compreendê-lo em seu sentido e interpretá-lo quanto ao alcance de sua existência"(1).

É arriscado falar de Teologia como Ciência, mormente pelo seu "objeto" de estudo ser Deus, que biblicamente é apresentado como um espírito. Como estudar e analisar algo imaterial? Como fazer testes e experiências de laboratório em algo invisível, sem forma, que acima de tudo é puramente espiritual? Neste lado, existe de fato uma deficiência científica na teologia, mas por outro lado, a teologia se mostra altamente científica nos métodos de investigação que usa nas análises que faz, não de Deus, mas de textos bíblicos, do homem, do universo, da vida, da sociedade, etc.

Especificamente neste estudo sobre a moralidade da possessão e do uso de armas nucleares, aspectos da Filosofia, da Ética e da Sociologia, como a paz, serão utilizados, os quais, em paralelo com outras áreas complementares e temas atinentes, darão uma melhor solidez aos pontos levantados pelo texto.

A energia atômica

O estudo do átomo atravessa a História. São aproximadamente vinte e cinco séculos desde as primeiras descobertas do filósofo grego Demócrito, que em 460 a.C. constatou que a matéria é constituída de áto-

(1) Karl Barth, **Introdução à Teologia Evangélica**, São Leopoldo, Sinodal, 1981, p. 5.

mos. As experiências de Rutherford no começo deste século marcaram o nascimento da física nuclear. Foi ele quem formulou a teoria da estrutura atômica.

Até o início da Segunda Guerra Mundial, importantes passos foram dados para a viabilização da energia atômica. Uma sucessão de descobertas eram feitas pelos cientistas europeus, entre os quais Bohr, Chadwick, Hahn, Strassmann, Meitner, Frisch, etc.

Com o advento do nazismo, as principais experiências no campo atômico sofrem uma mudança geográfica, deixando a Europa Central e se instalando na Inglaterra e principalmente nos Estados Unidos. Já em 1935, é ventilada a idéia de uma bomba atômica nazista. O húngaro Leo Szilard sugere aos ingleses uma 'Patente' de controle desta arma o que é aceito pela Marinha Britânica.

Com a guerra em andamento, as pesquisas científicas entre os Aliados tomam um caráter autenticamente militar. O objetivo em vista é a construção de uma bomba poderosa.

O princípio das dores

A escatologia é parte integrante e significativa da **Bíblia**, muito embora particularmente não concorde com as interpretações puramente espirituais e futuristas que tantos escritores suspeitos costumam fazer. Seja como for, muitas referências escatológicas em Daniel, Ezequiel, João, etc., não devem ser esquecidas, mas analisadas com profundidade imparcial.

Tais referências tem uma relação com muitos dos eventos da História, todavia, não devem ser tomadas literalmente em termos de cumprimento de profecias bíblicas. Estas na verdade são muito amplas, dando por conseguinte margem a diversas interpretações de fatos posteriores às predições, não raro antagônicas.

Em um de seus últimos discursos a seus discípulos no Monte das Oliveiras, Jesus disse: "E certamente ouvireis falar de guerras e rumores de guerras; vede, não vos assusteis, porque é necessário assim acontecer, mas ainda não é o fim. Porquanto se levantará nação contra nação, reino contra reino, e haverá fomes e terremotos em vários lugares"⁽²⁾. Todos sabemos que terremotos, fome, doença, guerras, etc., existiram

(2) Mateus 24.6-7.

antes, durante e depois dessa profecia. Mesmo assim, ela possui um significado intrínseco, que faz valer o seu tom escatológico.

Não querendo ser pessimistas, mas, em se tratando de falar de um "fim do mundo", é importante uma análise das palavras de Jesus no contexto de um possível apocalipse nuclear, que hoje certamente representaria a extinção da vida humana na Terra.

A ciência humana avançou imensamente nos últimos decênios. O século 19 encerrou no auge da **belle époque** e sua paz de cemitério. Nas palavras de Sérgio Buarque de Hollanda: "As potências perceberam que mais cedo ou mais tarde a guerra seria inevitável, e para enfrentá-la, lançaram-se a uma corrida armamentista desenvolvendo uma indústria bélica, guarnecendo seus exércitos e mantendo-os de prontidão."⁽³⁾ Entendamos que isto fora anterior à Primeira Guerra Mundial e o armamentismo de então se referia às armas convencionais.

Os tempos eram outros com a Segunda Guerra. Nuclearmente falando, as dores maiores da humanidade começam por aí. Assim tem início a cooperação anglo-americana para fabricação de uma bomba atômica. Entre 1942-43, os EUA tornam-se mais cautelosos quanto à troca de informações com os ingleses, que se vêem traídos nas negociações, uma vez que foram eles quem deram os primeiros passos no novo projeto. Mas a cooperação prossegue ainda assim, sob a condição de vantagem americana em todas as descobertas.

Em 1942, Enrico Fermi a serviço dos Estados Unidos, obtém a reação em cadeia do átomo. Agora, a construção da bomba seria mera questão de tempo. Em 16 de junho de 1945, é detonada em Alamogordo, New Mexico, a primeira bomba atômica pelos EUA.

Hiroshima e Nagasaki

Em meados de 1945, a Segunda Guerra Mundial vivia seus últimos momentos. A Alemanha, grande potência bélica européia, já capitulara diante da ofensiva dos Aliados. Mas no Extremo Oriente, o Japão persistia em continuar na guerra, apesar das fortes baixas em sua população, cada vez mais aniquilada com os bombardeios aéreos.

Em tais condições, por que os Estados Unidos se utilizaram de arma atômica diante de uma nação já aniquilada? A questão não é simples, todavia, algumas teorias foram levantadas a respeito.

(3) Sérgio Buarque de Hollanda, **História da Civilização**, São Paulo, Nacional, 1979, p. 249.

A que melhor me parece é a que sintetiza o desejo americano de pôr logo um fim à guerra e, concomitantemente, testar belicamente a nova arma. Escolheram assim Hiroshima, porque possuía muitas fábricas de armamentos e onde residiam muitos trabalhadores dessas indústrias. Em 6 de agosto de 1945 explodiu nesta cidade a primeira bomba atômica em área habitada, vitimando mais de cem mil pessoas, na maioria, fatalmente.

Na fraca hipótese da necessidade desta bomba, o que explicaria a explosão de outra bomba, em Nagasaki, três dias depois? Ocorre que os EUA possuíam dois tipos de bombas atômicas, a de urânio e a de plutônio. A primeira já tivera sua exibição destruidora em Hiroshima, porém quanto à de plutônio... Então, por que não fazer as experiências completas de uma vez? Resultado: outras dezenas de milhares de vidas ceifadas.

Posição teológica

A **Bíblia** ensina que a vida, especialmente a humana, é sagrada. O 'não matarás' de Moisés⁽⁴⁾ destinava-se à preservação da vida entre os hebreus. "(...) a proibição parece ser destinada a evitar o assassinato do 'próximo', um membro da mesma comunidade da aliança. Em qualquer caso, a santidade da vida, como dom de Deus, é estabelecida: daí a 'culpa do sangue' ser uma realidade terrível, desde o tempo de Caim", conforme esclarece R. Alan Cole⁽⁵⁾.

Ninguém tem o direito de tirar a vida alheia premeditadamente. Talvez alguns casos excepcionais justifiquem a pena de morte, porém, mesmo assim, deve ser de fato um caso muito especial, irrecuperável.

Ahad Haam, filósofo do judaísmo moderno, é firme quando expressa: "Toda ação que leva à perda de vida é má"⁽⁶⁾. E pode o mal produzir o bem, ao menos o bem indistintamente acessível a todos os homens? Acredito que não, pois do contrário o velho ditado de que "os fins justificam os meios" seria certo. Este, porém, não é o caso porque os meios também fazem parte do todo.

Nestes termos (e em muitos outros), a teologia repudia a morte e, antes desta, a guerra. Como humanista, não posso jamais aceitar o beli-

(4) Êxodo 20.13.

(5) R. Alan Cole, **Êxodo, Introdução e Comentário**, São Paulo, Mundo Cristão, 1981, p. 153 e 154.

(6) Ahad Haam, 'Caráter do Judaísmo', **Herança Judaica**, nº 46, São Paulo, B'nai B'rith, p. 39.

cismo como uma alternativa viável para a solução de problemas entre povos. Haam comenta: “(...) o egoísmo nacional remanesceu inevitavelmente a única força determinante nos negócios internacionais, e o patriotismo, na acepção bismarckiana, foi alçado ao grau de supremo critério moral”(7).

Este desvirtuamento das nações ocidentais que criaram duas guerras mundiais, formadas por povos tradicionalmente cristãos, não encontram respaldo em sua religião para uma justificação da guerra. Primeiro, pelo berço judaico do cristianismo, onde a morte e a injustiça são recriminadas. Segundo, porque claramente Jesus ensinou o amor e a tolerância para com as pessoas, até para com os inimigos(8).

A olimpíada nuclear

A paixão humana pelos diferentes tipos de jogos remonta à antigüidade. Sejam eles de caráter físico, como uma prova de atletismo, ou de caráter intelectual, como um jogo de xadrez, o fascínio da competição esportiva tem cativado sucessivas gerações, sendo um dos **hobbies** mais tradicionais em diferentes sociedades.

Em termos mundiais, os Jogos Olímpicos são o maior evento esportivo que o nosso tempo tem visto. Os primitivos festivais gregos em homenagem a Zeus evoluíram a tal ponto que chegaram até ao cúmulo de serem manipulados politicamente, o que provocou o boicote americano aos jogos de Moscou, e, em resposta, o boicote soviético aos de Los Angeles.

Após a Segunda Guerra Mundial, o mundo das nações se viu dividido nos dois grandes blocos antagônicos. Os EUA, segurando a bandeira do capitalismo e a URSS com o brasão do socialismo, cada qual buscando ampliar ao máximo sua esfera de influência política e econômica. Sabiamente, perceberam o peso de propaganda desempenhado nas competições esportivas, mormente, num confronto direto entre ambos, como num jogo de basquete, por exemplo.

Os Jogos Olímpicos de quatro em quatro anos têm sido o ápice da guerra ideológica via esporte, mas, paralelamente ao inofensivo lazer esportivo, temos visto aquilo que denomino “olimpíada nuclear”, ou seja, uma contínua e diversificada série de provas e experimentos entre os

(7) **Ibid.**, p. 42.

(8) **Mateus** 5.44.

dois competidores rivais, na busca de suplantação de um pelo outro via armas nucleares.

A ONU, desde sua origem, tem colocado na pauta de suas reuniões o problema das armas nucleares, ciente do perigo que elas representam à humanidade. Também os Estados Unidos desenvolveram alguns projetos visando a detenção da corrida armamentista que se iniciava entre as duas superpotências. Podemos citar o Plano Baruch, cuja essência era o controle das armas antes da proibição, determinando o congelamento do desenvolvimento nuclear para fins bélicos, a criação de um sistema de supervisão e inspeção com acesso às instalações soviéticas e a redução das forças convencionais.

Mas as coisas no cenário internacional se tornavam cada vez mais complexas. Tem início a "guerra fria" entre os dois países. Em 1948, efetiva-se o bloqueio de Berlim, interrompendo-se as comunicações férreas para o lado ocidental. A URSS explodiu, no ano seguinte, sua primeira bomba atômica e, passados mais alguns anos, os EUA chegavam à fase da bomba de hidrogênio, muito superior à atômica.

Internamente, diversos setores americanos estavam vendo de maneira bastante diversa esta corrida atômica. Haviam os zelotes fanáticos nucleares como E. Teller (um dos criadores do **design** da bomba H) e o senador Brien McMahan, que diziam que a destruição das duas cidades japonesas pelas bombas atômicas foi a melhor coisa na história desde o nascimento de Cristo... Opostamente, existiam alguns mais conscientes das dimensões do problema, com preocupações sociais e humanitárias, que podiam enxergar os resultados futuros da proliferação atômica. Entre esses, destaque a D. Lilienthal, presidente da Comissão de Energia Atômica e J. R. Oppenheimer, um dos pais da bomba atômica americana. As críticas desses dois homens incomodaram as autoridades de seu país, mas não conseguiram dissuadi-las de seus projetos. O primeiro foi forçado a se demitir do cargo e o segundo foi excluído do acesso às informações científicas.

Oportuno é citarmos as palavras de Henry von Wolf Smyth, escritas pela época da explosão das primeiras bombas atômicas: "Nos encontramos com um explosivo que está longe de ter sido completamente aperfeiçoado. Agora as futuras possibilidades de tais explosivos são aterradoras e seus efeitos sobre as futuras guerras e os assuntos internacionais revestem-se de importância fundamental. Aqui está um novo instrumento para a humanidade, um instrumento de um poder destrutivo ini-

maginável. Seu desenvolvimento origina muitas perguntas que têm que ser consideradas num futuro imediato.”⁹

A paz ameaçada

Nenhuma pessoa que conheça um pouco dos problemas relacionados com a energia nuclear em nossos dias poderá se sentir plenamente segura. Não há clima para isso. Os diversos acordos para não proliferação das armas nucleares, têm se mostrado falhos e deficientes. Quando decidem diminuir um número x de mísseis para ambos os lados, os mísseis removidos são aqueles que, na prática, já perderam sua condição de uso, e que seriam necessariamente substituídos. Não ocorre, portanto, uma diminuição de fato.

Ambos os países precisam ser responsabilizados pelo fracasso do controle das armas atômicas. Em 1958 estipularam uma moratória voluntária sobre as provas atômicas, rompida três anos depois pela URSS. No ano seguinte, tentaram negociar a proibição de novas provas, sem uma concordância satisfatória. Em 1977, sob Carter com o SALT II, previram o limite dos lançadores de mísseis. Decisão supérflua, uma vez que o problema estava no número de ogivas e não no de lançadores, no que os EUA se “beneficiaram”. Portanto, o que não faltam são os conhecidos **loopholes** nas negociações entre as superpotências.

O mais recente projeto americano de militarização do espaço, **“Guerra nas Estrelas”**, é mais uma evidência do espírito olímpico nuclear entre os dois principais competidores. O custo do projeto é exorbitante e, como entendem e querem os políticos dos Estados Unidos, a União Soviética terá sua economia quebrada se a mesma tentar acompanhar os americanos nisso.

Em meio à corrida armamentista, William C. Vergara escreveu: “Infelizmente, este novo conhecimento tem sido até aqui utilizado quase que exclusivamente para fins destrutivos. Apenas podemos esperar que nossos conhecimentos crescentes sobre o núcleo levem-nos eventualmente a uma utilização mais construtiva.”⁽¹⁰⁾ Como eterno ‘prisioneiro’ da esperança, continuo crente numa “utilização mais construtiva” da

(9) Henry von Wolf Smyth, **La Energía Atómica al Servicio de la Guerra**, Buenos Aires, Espasa-Calpe Argentina, 1946, p. 276.

(10) William C. Vergara, **Ciência: a Busca sem Fim**, São Paulo, Cultrix, 1967, p. 395.

energia nuclear, mas realisticamente falando, os fatos do dia a dia mostram horizontes nada animadores.

O cristianismo ortodoxo despreza muitos dos valores deste mundo para colocar sua atenção apenas numa vida futura, o Além. Os teólogos mais liberais da religião cristã desaprovam esta idéia, pois consideram o envolvimento do cristão nas coisas seculares um meio eficaz de influenciar positivamente o mundo deteriorado.

Como declarou Dietrich Bonhoeffer: "Por 'mundanismo' entendo viver sem reservas nos deveres, problemas, sucessos e fracassos, experiências e perplexidades desta vida. Ao fazermos assim, lançamo-nos completamente nos braços de Deus, levando a sério, não nossos próprios sofrimentos mas, sim, os de Deus no mundo".⁽¹¹⁾ Entendo como recomendável o envolvimento do cristão em questões sociais, pois, como Paulo de Tarso, creio que ele tem a função de 'embaixador' do Reino de Deus na Terra⁽¹²⁾.

O **Talmud** diz: "Amada é a paz porque todas as bênçãos se cumprem por seu intermédio." Isto pode ser entendido como sendo a paz o requisito mínimo e elementar na humanidade, para que esta esteja habilitada a outras realizações maiores. Sem as condições sociais que só a paz pode gerar, qualquer progresso torna-se muito dificultoso, além de correr o risco de durar pouco.

Nas 'bem-aventuranças', Jesus chama de filhos de Deus aos pacificadores⁽¹³⁾, querendo dizer que a paz é um dom autenticamente divino, algo em sintonia plena com o Deus de amor bíblico. Qualquer coisa que tente destruir a paz, é contra a ética judaica-cristã. É reconhecível, que diante da morte as leis religiosas tomem novo significado, mas isso não habilita ninguém a provocar deliberadamente um estado de guerra.

A paz não é algo que pertença apenas à esfera religiosa. Qualquer pessoa que deseje viver e ver outros viverem também, não pode se esquivar dessa questão. As armas nucleares são uma das maiores ameaças à segurança humana. Com seu uso, muito possivelmente teríamos a extinção humana no planeta. A **deterrence** com sua paz armada não garante estabilidade entre os povos. Vamos dar uma chance à paz **autêntica**, como pretendia John Lennon.

(11) Stanley Gundry, **Teologia Contemporânea**, São Paulo, Mundo Cristão, 1983, p. 86.

(12) 2º Coríntios 5.20.

(13) Mateus 5.9.

Problemas sociais

Os problemas sociais decorrentes das pesquisas nucleares neste século são muito complexos. A Ciência perdeu seu caráter pacífico e enveredou calamitosamente pelos caminhos da destruição humana. Ernest Nagel acertou ao dizer que “a Ciência é uma instituição social e que o cientista é membro de uma comunidade intelectual dedicada à perseguição da verdade”⁽¹⁴⁾. Mas ela deixou de estar a serviço da construção de uma sociedade isenta de males para se dedicar à busca de um tipo negativo e destruidor de verdade, numa espécie de, “quanto mais mortal a verdade, mais pragmática a seus fins.”

O ecologista Carlos Aveline⁽¹⁵⁾ comentou num de seus artigos que aquilo que é usado pacificamente da energia nuclear, é apenas um subproduto do que tem sido descoberto pela ciência para o militarismo.

Chegamos a um estágio tão caótico, que até mesmo a dita energia pacífica tem vitimado milhares — talvez milhões — de seres humanos. Os acidentes envolvendo projetos nucleares são incontáveis. Temos os exemplos clássicos das usinas Three Mile Island e Chernobyl, curiosamente, envolvendo os dois concorrentes maiores da “olimpíada atômica”. Se for necessário um terceiro exemplo para fazer crer no malefício desta forma de energia, o melhor então seria uma nuvem de radiação que contaminasse toda a atmosfera e afetasse indistintamente toda a população mundial, em especial, a dos países onde esta mortífera energia tem sido desenvolvida.

Um vazamento radiativo põe em letal perigo todas as pessoas presentes nas proximidades do acidente, em raios de até centenas de quilômetros. Muitas dessas poderão morrer em poucos dias, outras, nos próximos anos. Indiretamente, as conseqüências são mais amplas, como a contaminação de alimentos que poderão ser consumidos em outros continentes e os problemas ecológicos daí resultantes.

A vida depreciada

“O fato é, pensamos nós, que no fundo de todas as nossas dificuldades morais existe um problema fundamental que se oferece inevitavelmente a cada um de nós, e que na prática nunca é plenamente resolvido, salvo para aqueles que já entraram nos caminhos da perfeição: o

(14) Ernest Nagel, **Filosofia da Ciência**, São Paulo, Cultrix, 1967, p. 19.

(15) Carlos C. Aveline, ‘Acidente em Chernobyl Aponta para o Perigo Nuclear’, **Jornal Evangélico**, São Leopoldo, 25 de maio a 7 de junho de 1986, p. 11.

problema da relação do homem com a condição humana ou de sua atitude perante a condição humana.”⁽¹⁶⁾ (Jacques Maritain). As causas dos atritos nos relacionamentos humanos são profundas. Encontramo-las desde os primórdios da existência humana. O **Gênesis**⁽¹⁷⁾ conta-nos sobre o primeiro homicídio ao narrar a morte de Abel por Caim.

Hoje, num contexto bem maior, nos deparamos com a questão nuclear e os problemas daí decorrentes. O armamentismo que tomou conta do planeta é uma ameaça seríssima à vida humana. Com isso podemos ver o grau de degradação moral que a humanidade atingiu. A vida humana está depreciada. Os políticos, cientistas e militares das superpotências, melhor de que ninguém, sabem o quanto estamos perto de um apocalipse final. Os ponteiros do relógio aproximam-se da fatal meia-noite. E quem se preocupa com isso?

Vemo-nos diante de uma tragédia prestes a acontecer. Quer dizer, como numa peça teatral, toda a tragédia já foi escrita, o cenário preparado, os artistas convocados e os ingressos vendidos, restando apenas sua estréia única e exclusiva. A destruição já está no papel, na memória dos computadores, encaminhando-se à realização prática.

A sociedade está doente e seu remédio ainda não foi devidamente encontrado. Ela tem se nutrido de paliativos, anestésias, mas o mal crônico vai aumentando. Na forma como as coisas se encaminham, a catástrofe é mera questão de tempo.

Para os detentores do poder, tudo parece ser um jogo. Usam os instrumentos da morte como se fossem inofensivos brinquedos de crianças, que ingenuamente levam os nomes dos protótipos reais mas não fazem mal algum. Seus instrumentos, todavia, são os modelos originais que danificam, destroem, matam...

Guerra sem vencedores

É possível que a Ciência chegue ao ponto de garantir a continuidade da vida humana e animal-vegetal mesmo depois de uma guerra nuclear. Numa guerra hoje, os sobreviventes — caso houvessem — seriam alguns poucos seres deformados. Qual o lucro ideológico ou material disso?

Mesmo ao nível da possibilidade de sobreviventes sadios, estes obviamente seriam uns seletos socialmente, ou seja, os mesmos que

(16) Jacques Maritain, **A Filosofia Moral**, Rio de Janeiro, Agir, 1964, p. 490.

(17) Gênesis 4.8.

sempre comandaram o poder político e econômico entre as nações. A grande maioria da população seria indubitavelmente morta.

A proposta de Ronald Reagan com a "Guerra nas Estrelas" é desenvolver a defesa dos Estados Unidos pelo espaço. O preço do projeto é astronômico, com sacrifício da economia interna e visa, acima de tudo, uma proteção a alvos militares. Quanto a seu povo, que Deus o ajude...

A corrida armamentista prossegue como resultado de um amplo mecanismo subjetivo e psicológico. É a "olimpíada nuclear" em toda sua complexidade. Afinal, numa guerra é preferível o empate do que a derrota total. A teoria dos jogos de J. von Neumann é um ótimo estudo filosófico-matemático dessa questão.

A resposta da teologia

Talvez eu esteja incorrendo na arrogância de dizer que a teologia tenha uma resposta perfeitamente adequada ao problema, mas o que viso aqui é tão somente a exposição de sugestões. O assunto é difícil e dificulta-se mais a cada minuto. Todavia, penso que, filosoficamente, o homem pode resolver um problema que ele mesmo criou, como montar um quebra-cabeça gigante.

Teologicamente, num paralelo de análise sociológica, vejo com bons olhos a criação de um organismo internacional que, acima das nações, se encarregue da administração das armas nucleares. Entendo isso como algo integralmente divino, pois visa à manutenção da paz.

Einstein, outro pai da bomba atômica, compreendendo o rumo que as coisas seguiam após a Segunda Guerra Mundial, desabafou: "Desarmamento e segurança só se conquistam juntos. A segurança não será real a não ser que todas as nações tomem o compromisso de executar por completo as decisões internacionais."⁽¹⁸⁾ Porém, como elas — as superpotências — se comprometeriam a acatar certas leis contrárias a seus interesses, se no mundo político não existe nenhum organismo a quem devam explicações. Não precisamos detalhar aqui a falácia da ONU, não é mesmo?

A idéia, em poucas palavras, então seria que no campo da energia nuclear, se estabelecesse um poder mundial, como também disse Oppenheimer. Esse poder seria forte para controlar as armas nucleares, visando evitar a fatídica Terceira Guerra, e seria formado por pessoas de todos os países do planeta, com habilitação nas áreas relacionadas ao te-

(18) Albert Einstein, **Como Vejo o Mundo**, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982, p. 73.

ma. Mas, apesar de toda sua força no assunto nuclear, não deveria se meter autoritariamente em outras questões nacionais, para não perder sua característica democrática e pacífica.

Charles L. Allen dá um conselho bastante sábio, que de tão simples, é ignorado pelas pessoas: "Para haver paz no mundo e em nossa alma, é necessário mais que extirpar o ódio, a suspeita e o medo. Será preciso plantar e cultivar o amor, a alegria, a paciência e a compreensão."⁽¹⁹⁾ Quer dizer, apenas obedecer aos preceitos bíblicos, que formam uma ética coerente a todos os povos da Terra, e não apenas aos da direta influência judaico-cristã.

O mal está muitas vezes na forma como a ética bíblica é passada às pessoas. O moralismo criado no Ocidente que durante o processo histórico tirou o texto da **Bíblia** de seu contexto real, tendeu negativamente a um dogmatismo estéril, caíndo num dualismo absurdo entre sacro e profano, espiritual e material, bom e mal. O erro doutrinário instituído em dogmas autoritários foi transmitido por toda a história do desenvolvimento do cristianismo, causando em seus fiéis um obscurecimento da verdade real, substituída pela verdade aparente.

Então, tais deturpações corroeram as opiniões sobre a ética cristã, deixando-a semi-demolidada no Ocidente, propiciando o surgimento de métodos alternativos e antagônicos para a autodefesa. Daí as contendas, as guerras, o armamentismo nuclear. O problema não é o fracasso da ética em si, mas a maneira como ela é entendida. Isso determina sua prática, e se vemos resultados ineficientes, falhos, é porque algo saiu errado no começo.

O ex-secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger declarou: "O controle armamentista está caminhando para um beco-sem-saída intelectual."⁽²⁰⁾ Esta é a realidade presente, mas podemos sonhar com um futuro melhor, como o fez o escritor francês Anatole France: "A paz universal se realizará um dia, não porque os homens se tornarão melhores (não é permitido esperá-lo), mas porque os homens se tornarão uma nova ordem de coisas, uma ciência nova. Novas necessidades econômicas hão de impor-lhes o estado pacífico, assim como outrora as próprias condições de sua existência os punham e os mantinham no estado de guerra".⁽²¹⁾

(19) Charles L. Allen, **A Psiquiatria de Deus**, Belo Horizonte, Betânia, p. 157.

(20) Henry Kissinger, 'Como Evitar a Catástrofe Atômica', **Suplemento Manchete**, Rio de Janeiro, Bloch, 2 de abril de 1983, p. 5.

(21) Citado no artigo 'Um Milhão de Minutos pela Paz', do suplemento cultural "Programa-se" do **Diário do Povo**, Campinas, 3 de outubro de 1986, p. 3.